

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

André Parente Departamento de Teoria da Comunicação -
Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

Resumo: O presente artigo apresenta três diferentes visões de rede na filosofia francesa contemporânea, no pensamento de Paul Virilio, Michel Foucault e Bruno Latour. O que chamamos, junto com Bruno Latour, de redes de transformações são agenciamentos sociotécnicos que estão alterando as condições da experiência e produzindo novas formas de subjetividade. As redes são figuras empíricas da ontologia do presente, figuras que nos permitem pensar o campo da comunicação como problema estrutural da contemporaneidade.

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

- As redes sempre tiveram um poder de produção de subjetividade e do pensamento.
- A hierarquização social nos impedia de pensar de forma rizomática.
- Com o enfraquecimento das linguagens provocada pela morte de Deus e com o enfraquecimento do Estado contemporâneo face aos interesses do capital internacional, com a emergência dos dispositivos de comunicação, aparece aqui e ali , uma reciprocidade entre as redes e as subjetividades, como se ao retirar, a hierarquização social aparecesse a pluralidade de pensamentos, mas o fato de que pensar é pensar em rede.

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

- As redes tornaram-se um paradigma importante no momento em que as tecnologias da informação e da comunicação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem social.
- Para verificar nossa dependência das redes basta imaginar uma viagem a um lugar remoto onde tudo o que compõe a galáxia emaranhada de redes e serviços que alimentam os nossos ecossistemas móveis e imóveis vai nos fazer falta: a água, a comida, a eletricidade, os meios de comunicação, os meios de transporte etc.

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

As redes tornaram-se ao mesmo tempo uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial.

A sociedade, o capital, o mercado, o trabalho, a arte, a guerra são, hoje, definidos em termos de rede. Nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade.

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

- Não se trata de explicar os conceitos dos grandes filósofos franceses contemporâneos, nem mesmo de evidenciar qualquer filiação entre eles, mas de mostrar que alguns de seus conceitos
- Rizoma (DELEUZE, 1995),
- Estética da desapareição (BAUDRILLARD, 1991; VIRILIO),
- Último veículo (VIRILIO),
- Redes de transformação (LATOUR et al., 2004),
- Pantopia (SERRES, 1998)

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

- A referência da rede está relacionada à busca por processos de modelagem fractais que apresentam um lado voltado para a construção de modelos que constituem como totalidades das relações imanentes e outro para as singularidades das relações e paisagens irreduzíveis.
- **Estamos engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção de subjetividades.**
- **Segundo Guattari “... até agora, as novas tecnologias resultaram em um processo de estranha mistura de enriquecimento e empobrecimento, singularização e massificação, desterritorialização e reterritorialização, potencialização e despontecialização da subjetividade em sua dimensão auto-referencia.**

Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea

- Na França, o interesse pela representação na rede surgiu nos anos 1960 na filosofia e nas ciências humanas, em trabalhos que estabeleciam uma relação complexa e variável com o estruturalismo.
- **Muitos dos filósofos e teóricos franceses contemporâneos estão de acordo com o fato de que as máquinas infocomunicacionais estariam engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção das subjetividades.**
- **Virilio produziu uma série de ensaios sobre o espaço em sua relação com a velocidade dos veículos de transporte e os veículos audiovisuais.**

Último Veículo - Virilio

- Os veículos móveis e audiovisuais transformam radicalmente as nossas relações com o espaço.
- Por um lado, o espaço estaria se transformando em função da aparição de novos meios de transporte e de comunicação.
- O espaço é outro se vamos a cavalo, de carro ou de avião, se utilizamos a escrita ou a telecomunicação.
- Tudo se passa como se o espaço do enclausuramento estivesse cedendo lugar ao ciberespaço, o qual, segundo Virilio, significa o fim do espaço, a sua anulação.

Último Veículo - Virilio

- O final do século XIX e o início do século XX assistiram ao advento dos veículos ferroviário, rodoviário e aéreo, o nosso fim de século tem assistido a grandes mudanças com o advento do veículo audiovisual e veículos de telepresença: a televisão, a videoconferência, as redes telemáticas, o ciberespaço.
- O espaço, os acontecimentos, as informações e as pessoas são condicionados, pela telecomunicação, assim como a transparência do espaço de nossos percursos tende a ser substituída pelas articulações do veículo audiovisual, último horizonte de nossos trajetos, cujo modelo mais perfeito é o ciberespaço.

Último Veículo - Virilio

- O momento de inércia sucederá ao deslocamento contínuo no dia em que todos os deslocamentos se concentrarem em um só ponto fixo, em uma imobilidade que não é mais a do não-movimento, mas a da ubiquidade potencial, a da mobilidade absoluta que anula seu próprio espaço à força de o tornar tão transparente.
- **o ciberespaço é apenas o mais novo espaço de jogos da humanidade, que inaugura uma nova arquitetura, a arquitetura da informação. De acordo com Walter Benjamin, se cada sociedade tem seus tipos de máquinas, é porque elas são o correlato de expressões sociais capazes de fazê-las lhes fazer nascer e delas se servir como verdadeiros órgãos da realidade nascente.**

Espaço: heterotopia e pantopia

- O ciberespaço ou o espaço da informação não significa a anulação do espaço, mas apenas a realização tecnológica do espaço topológico, o espaço da justaposição do próximo e do longínquo, do simultâneo.
- **Com o ciberespaço, viveremos cada vez mais o espaço como sendo espaço das relações de vizinhança, espaço de conexões, heterotópico e pantópico.**
- **FOUCAULT (1994) descreve três tipos de espaço. Na Idade Média, o espaço de localização era um conjunto de lugares hierarquizados. Este espaço entra em crise com Galileu e a ciência moderna. A descoberta mais importante de Galileu não foi a de que a terra girava em torno do sol, mas o fato de ter constituído um espaço infinitamente aberto.**

Espaço: heterotopia e pantopia

- Segundo FOUCAULT o lugar das coisas são apenas pontos em seu movimento. O espaço como extensão substitui a localização. Em nossos dias, o espaço torna-se topológico: passa a ser definido pelas relações de vizinhança entre os pontos e elementos, e forma séries, tramas, grafos, diagramas, redes.
- Para SERRES (1998), a relação de mistura e conexão criada pela rede forma uma pantopia: todos os lugares em um só lugar e cada lugar em todos os lugares.
- O termo pantopia possui uma lógica muito próxima da do espaço heterotópico, o qual aponta para o desejo da reunião de todos os lugares em um só lugar, como em um museu de história natural, que dispõe lado a lado pássaros que pertencem a lugares e épocas distintas.

Espaço: heterotopia e pantopia

- **A heterotopia está longe de ser ameaçada pelo espaço da hipermídia e da rede, cuja lógica é a mesma: co-presença topológica, tramas das redes.**
- **Segundo FOUCAULT (1994), se a experiência do ciberespaço está destinada a nos transformar verdadeiramente, não é porque ela vai substituir a realidade por uma realidade cibernética, uma realidade simulada, mas porque o ciberespaço coloca em prática e potencializa o processo de heterotopia (posicionamento ou localização diversa da normal ou habitual).**

Redes de Transformação

- Tomemos como exemplo a imagem de rede que nos fornece Latour: uma coleção de pássaros empalhados em uma estante de um museu de história natural produz uma heterotopia que permite ao pesquisador compará-los e analisá-los longe da confusão dos ecossistemas naturais em que se encontravam.
- **A coleção é como o centro, o nó, o campo gravitacional que produz um novo arranjo entre o próximo e o longínquo: pássaros “locais” são justapostos a pássaros da mesma espécie trazidos do mundo inteiro.**
- **Comparada com a situação inicial, em que cada animal vivia em seu ecossistema singular, trata-se de uma perda e uma redução enorme, pois seria impossível reproduzir essa realidade.**

Redes de Transformação

- O trabalho de Latour e de Callon, mais ainda do que o de LÉVY (1993), leva-nos a perceber que as tecnologias de informação e comunicação podem ser entendidas como tecnologias da inteligência menos por projetar ou exteriorizar a riqueza e complexidade dos processos cognitivos do que por revelar o quanto sua complexidade deriva não apenas da riqueza de nossos sentidos e faculdades, mas também dos objetos, suportes, dispositivos e tecnologias que nos circundam e compõem uma rede sociotécnica de grande complexidade.

Redes de Transformação

- **Por que transformar o mundo em informação? Porque a informação permite resolver de forma prática – por meio de operações de seleção, de extração, de redução e de inscrição – o problema da presença e da ausência em um lugar. A informação estabelece uma interação material entre o centro e a periferia, o que deve ser produzido para que a ação a distância sobre ela seja mais eficaz.**
- **Segundo Latour, hoje, compreendemos melhor o fenômeno das redes, porque utilizamos todos computadores e redes hipertextuais que nos permitem combinar, traduzir, integrar desenhos, textos, fotografias e gráficos, até então separados no espaço e no tempo.” (LATOUR, 2004)**

Redes de Transformação

- **Redes de transformação fazem chegar aos centros de cálculos, por uma série de deslocamentos, um número cada vez maior de informações.**
- **No início, o computador surgiu como uma ferramenta para ajudar o homem a processar o aumento exponencial de informações que deveriam ser tratadas. Imagine o trabalho que teríamos hoje se não dispuséssemos de computador para calcular os índices econômicos e socioculturais.**
- **As informações circulam, mobilizando toda a rede de intermediários que se estende do centro à periferia, e, ao fazê-lo, criam uma espécie de tensão que mantém a rede coesa.**

Redes de Transformação

- As informações circulam, mobilizando toda a rede de intermediários que se estende do centro à periferia, e, ao fazê-lo, criam uma espécie de tensão que mantém a rede coesa.
- **Os centros da rede nada mais são do que os espaços onde a intensidade heterotópica (refere-se a espaços físicos ou mentais que possuem características diferentes das normas sociais e culturais estabelecidas) é maximizada e pode ser capitalizada como tantas ações potenciais sobre o mundo.**

Redes de Transformação

- Segundo Latour:

“Quando medimos as informações em bits, quando somos assinantes de um banco de dados, quando, para agir e pensar, nos conectamos a uma rede de comunicação, é mais difícil continuar vendo o pensamento científico como um espírito flutuando sobre as águas. Hoje a razão, que nada tem de natural, se assemelha muito mais a uma rede de comunicação, uma rede de telemática do que às idéias platônicas”.

Do Rizoma à Autopoiesis: rede e subjetividade

- Como Virgínia Kastrup (KASTRUP, 2004) mostrou muito bem, as redes de transformações de Latour são uma versão empírica e atualizada do rizoma que serve para pensar a criação dos híbridos.
- O conceito de rizoma criado por Deleuze e Guattari é um conceito fractal, que nos leva a pensar em uma dimensão intermediária que nos ajuda a superar as dicotomias do inteligível e do sensível, do discursivo e do extradiscursivo, do sujeito e do objeto.
- O conceito de rizoma foi criado por Deleuze a partir da concepção que Barthes.

Do Rizoma à Autopoiesis: rede e subjetividade

- Segundo BARTHES (1992) o rizoma é a descrição que contém todos os princípios fundamentais do hipertexto: a rede não tem unidade orgânica; nela abundam muitas redes que atuam sem que nenhuma delas se imponha às demais; ela é uma espécie de galáxia mutante, com diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal; os códigos que mobiliza se estendem até onde a vista alcança, são indetermináveis.
- **Essas características das redes podem ser aplicadas aos organismos, às tecnologias, aos dispositivos, mas também à subjetividade. Somos uma rede de redes (multiplicidade), cada rede remetendo a outras redes de natureza diversa (heterogênese) em um processo autoreferente (autopoiesis).**

Do Rizoma à Autopoiesis: rede e subjetividade

- O sujeito é um sistema autopoietico e, como todo sistema autopoietico definido por Varela e Maturana, ele se organiza como uma rede auto-referente, que regenera, continuamente por suas interações e transformações, a rede que o produziu, e se constitui como sistema ou unidade concreta no espaço em que existe, especificando o domínio topológico no qual existe como rede.
- **Pensar a subjetividade como autopoieses nos leva a descrever o saber, a cognição, a inteligência, não como faculdades de um sujeito, uma vez que eles são dimensões que co-emergem com os universos sociais.**